

## POESIA E ARTE: “VÊNUS EM FLOR” DE DORA FERREIRA DA SILVA

Maria Antônia de Jesus (graduanda em letras UFU/CNPq)  
[tunicadej@gmail.com](mailto:tunicadej@gmail.com)

### Resumo

O “Nascimento de Vênus” é um evento celebrado pelos homens desde a antiguidade até os dias atuais, através de inúmeras modalidades de expressões artísticas. O mito presente em nosso imaginário coletivo está representado também na poesia de Dora Ferreira da Silva e na pintura renascentista do italiano Sandro Botticelli, assim como na pintura neoclássica do francês Alexandre Cabanel. Neste artigo pretendemos refletir sobre os possíveis diálogos entre a pintura de Sandro Botticelli e a poesia de Dora “Vênus em Flor”. Para melhor compreensão desse vínculo, faremos uma abordagem a outro poema da autora, “Vênus Pensativa”, que julgamos ser inspirada na obra de Alexandre Cabanel.

**Palavras-chave:** Dora Ferreira da Silva, poesia e arte, pintura, mito, imagem.

A arte, de modo geral, traz em si um infinito de possibilidades, reflexões, sentimentos e indagações. Da sua gênese ao final do processo de sua execução, a obra, seja poética, literária, plástica, visual ou musical, passa por várias etapas: o que significou ou significa para o artista cada momento desse processo; que sentimentos o envolveram; o que ele quis ou quer compartilhar com os outros; que signos permanecerão através dos tempos; e para nós, os outros, de que maneira somos tocados por tal obra; o que nos comove, nos alegra, nos adverte, nos inspira, nos convida a fazer comparações, reflexões e auto reflexões.

Ninguém melhor que a poeta paulista de Conchas, Dora Ferreira da Silva (1918 - 2006) para nos oferecer um rico material de discussão sobre esse assunto, já que sua obra se confunde com o mito e boa parte dela se inspira em outras formas de arte, tais como a pintura.

A poeta Dora Ferreira da Silva foi também professora, ensaísta, tradutora, diretora das Revistas **Diálogo e Cavalos Azuis**, além de articuladora de encontros culturais, cujos temas eram a poesia, a arte, a filosofia, e a religião. Recebeu o prêmio “Jabuti” por três vezes e um prêmio da Academia Brasileira de Letras. Entre os autores traduzidos por Dora Ferreira da Silva, estão Carl Gustav Jung e Rainer Maria Rilke dos quais assimilou conhecimentos e influências enriquecedoras. (Souza, 2013)

A poesia aparentemente simples de Dora tem referências no mundo mitológico, filosófico, psicológico, artístico e religioso. São símbolos e imagens que transitam entre o consciente e o inconsciente humanos, que transcendem a materialidade e a razão e invocam arquétipos e figuras do imaginário coletivo. Se por um lado podemos sentir a

poesia mesmo sem uma noção específica do mito, dos símbolos, da filosofia e psicologia, é possível por outro, aproveitar a oportunidade de buscar algum conhecimento a respeito desses assuntos, pois eles ampliam de modo geral as nossas percepções, conduzindo ao auto conhecimento.

Em Jung (1973 e 2008), em Robles (2006), em Eliade (2002), Barthes (2001), buscamos os suportes necessários para relacionar a poesia de Dora ao mito do “Nascimento de Vênus” e estabelecer diálogos com a pintura, que utiliza outra linguagem para falar do mesmo tema. O poema “Vênus Pensativa” foi inspirado, possivelmente, na obra do artista plástico Alexandre Cabanel do século XIX, intitulado “O Nascimento de Vênus”. O pintor neoclássico francês tinha predileção por temas mitológicos, históricos e religiosos, justificando a inspiração de Dora Ferreira da Silva e sua sintonia com a obra de Cabanel. O poema “Vênus em Flor” foi inspirado na pintura do artista italiano Sandro Botticelli do século XV, “O Nascimento de Vênus”, criada quatro séculos antes de Cabanel. Enquanto Botticelli utilizou a “têmpera”, uma técnica de pintura em madeira, muito empregada na época renascentista, Cabanel, pintor neoclássico utilizou “óleo sobre tela”, técnica mais difundida em sua época, segundo informações (Wikipédia). Pudemos perceber, que nem a diferença entre as técnicas de pintura, nem os estilos, bem como o tempo que os separa, cerca de quatrocentos anos, representaram barreiras para a nossa poeta Dora Ferreira da Silva, nem para a riqueza das três obras de arte, que mantêm entre si uma perfeita sintonia. A linguagem muda, mas a poesia permanece, quer na imagem, quer no poema. Confirmando a temporalidade perene da arte, Octávio Paz discorre sobre o entrelaçamento do tempo mítico com o tempo histórico da poesia:

O tempo do poema não está fora da história, mas dentro dela: é um texto e é uma leitura. Texto e leitura são inseparáveis, e neles história e a-história, mudança e identidade, se unem sem desaparecer. Não é uma transcendência, mas uma convergência. É um tempo que se repete e que é irrepetível, que transcorre sem transcorrer, um tempo que se volta para si mesmo. [...] A poesia que começa agora, sem começar, busca a interseção dos tempos, o ponto de convergência. (Paz, 2013, p.165)

As duas pinturas representam “O Nascimento de Vênus” como já foi dito e ambas têm as águas do mar como “ventre materno”. As duas deusas pintadas estão nuas e nasceram adultas. Ambas as figuras resgatam traços do classicismo, tanto nas formas, quanto no referencial de beleza clássica e a poeta Dora Ferreira da Silva retoma em sua obra poética essa tradição clássica.

A Vênus de Botticelli está de pé sobre uma concha, recebe flores que vêm do espaço através do sopro dos deuses dos ventos, representados por dois anjos. Vemos a deusa da primavera Flora, com um manto florido para vestir Vênus, que nua protege os seios com uma das mãos, e com a outra, puxa os cabelos longos para cobrir as partes genitais. As pernas e braços das figuras de Botticelli são mais longas que as de Cabanel, assim como o pescoço de Vênus. A Vênus de Cabanel aparece deitada em meio perfil sobre as espumas do mar, rodeada por anjos, cobre as partes genitais pela sobreposição das pernas, mas deixa à mostra os pequenos seios. As cores são mais

suaves, mais diluídas, o mar é mais azul, a luz ao fundo é crepuscular e o quadro do pintor francês é menos rico em detalhes que o do italiano Botticelli. Considerando a importância do elemento água nessas pinturas e sua relação com o mito de Vênus, faz-se necessário recorrer a Carl Gustav Jung, que em seu livro *Símbolos da Transformação*, esclarece-nos a respeito da simbologia do mar e das águas:

O significado maternal da água é um dos simbolismos mais claros na esfera da mitologia, como diziam os antigos. (O mar – símbolo do nascimento). A vida vem da água [...] Ardvîçura-Anâhita é uma deusa da água e do amor (assim como Afrodite é a “nascida da espuma”). [...] A projeção da imago materna sobre a água confere a esta uma série de qualidades numinosas, respectivamente mágicas como são próprias à mãe. Um bom exemplo é a simbólica da água benta na igreja. Nos sonhos e fantasias, o mar ou as grandes extensões de água significam o inconsciente. O aspecto materno da água coincide com a natureza do inconsciente no que este (sobretudo no homem) pode ser apontado como a mãe do consciente. (Jung, 1973, p. 204, 206, 207).

Se a água é reconhecidamente por todo o universo, em todos os tempos, como elemento criador e mantenedor da vida, purificador e regenerador, neutralizador de energias mais densas, só pode ser um elemento sagrado e um símbolo do inconsciente coletivo. Mircea Eliade, em seu livro *Imagens e Símbolos* (1979, p. 122), explica que “As ostras, as conchas marinhas, o caracol, a pérola, são solidários tanto das cosmologias aquáticas como do simbolismo sexual” e participam das “forças sagradas concentradas nas Águas, na Lua, na Mulher”. São apontados em diversas culturas como símbolos do amor e do casamento. Mais adiante o autor afirma que vários povos, entre eles os gregos, relacionavam a imagem da concha aos órgãos genitais femininos, portanto, também dotada de poder criador. Assim sendo, o nascimento de Afrodite dentro da concha no quadro de Botticelli reforça a ligação mística entre a deusa e suas origens.

As espumas do mar no quadro de Cabanel fazem alusão a uma das lendas mitológicas do nascimento de Vênus, que na mitologia romana é conhecida como Afrodite. Uma das lendas, segundo Robles (2006, p.81 – 87) conta que Urano, a pedido da Deusa Terra, foi castrado por Cronos. Seus testículos foram atirados ao mar espalhando o sêmen, que misturado à água salgada e com o vai e vem do movimento forte das ondas, formou-se uma espessa espuma, de onde surgiu Afrodite. Aqui as espumas do mar também se revelam como símbolo criador, como produto da fecundação das águas marítimas pelo sêmen do deus Urano, daí considerar-se Afrodite meio deusa, meio humana, herdando características divinas e humanas, bastante contraditórias. A autora diz que Afrodite representa além da beleza e fecundidade, o afeto e a mansidão, também os símbolos de sensualidade, sedução, prazer e traições amorosas, por ser amante infatigável e possuir vários parceiros sexuais.

Tentamos, até aqui, estabelecer um diálogo entre duas obras de arte, duas pinturas de criadores diferentes, de épocas distantes, de países que têm em comum, apenas o continente europeu. Para isso, consultamos grandes pesquisadores e pensadores, psicanalistas, escritores, filósofos, mitólogos e artistas, mas e a nossa poeta Dora que é o nosso foco principal? A poesia de Dora Ferreira da Silva consegue

dialogar com cada uma das duas obras relacionadas acima, num mergulho profundo em cada criação artística e ao mesmo tempo, conservando a essência universal do mito do “Nascimento de Vênus”, cujo sentido se amplia, como podemos conferir nos dois poemas abaixo:

#### **VÊNUS EM FLOR**

Nem o vento previu  
O gesto das pétalas:  
Flor se abrindo junto ao mar  
Alheia ao fragor das águas.  
Adejam as mãos  
Assustadas diante da beleza  
E da inocência dos seios.  
Olhar algum reteve o instante  
O momento que se inscreveu na tarde  
Em seu sabor de vaga e sal.  
O sorriso ilumina sua roupagem:  
Flores e cores  
Beleza e aragem.

Dora Ferreira da Silva (*Cartografia do Imaginário*, p.76)

Na simplicidade de um poema pequenino, sentimos a delicadeza dos versos, assim como a suavidade da pintura. Voamos com o vento, navegamos nas palavras, sentimos a sensação de liberdade, de movimento, de “flores e cores” e chegamos a receber o frescor das águas e a brisa suave. Tudo é fluidez, da “roupagem” à “aragem”, a deusa da concha é um “quase nada” de matéria e um “quase tudo” de energia.

Esse poema inspirado na tela de Botticelli, inicia com o sopro dos deuses de asas que representam o “Vento Oeste” e anunciam a primavera, enviando uma chuva de flores à deusa nascida na concha. Ao mesmo tempo em que a concha lhe serve de berço, serve também como embarcação, que flutua sobre as águas do mar, empurrada para a ilha de Citera pelo vento dos deuses alados. Na metáfora “A Flor se abrindo junto ao mar” podemos ver a própria Vênus, que acaba de nascer mulher e recebe as pétalas que lhe são dirigidas. Podemos pensar também que a concha lembra o formato de uma flor se abrindo, como uma segunda metáfora.

Quando a poeta diz nos oitavo e nono versos, que “Olhar algum reteve o instante o momento em que se inscreveu na tarde”, ela nos convida a refletir sobre o poder de eternização de um instante através da arte. O olhar que não seria capaz de registrar para sempre aquele momento, pode agora pousar demoradamente sem que lhe escape a cena, pois um artista o perpetuou na tela pintada. Por outro lado, a poeta sugere a impotência da arte em relação à inspiração, há sempre um sentimento de incompletude.

Os versos finais fazem referências à roupagem florida que lhe entrega a deusa Flora, de pé, próximo às margens da Ilha. Dora fecha o poema ressaltando a beleza, que sugere múltiplos sentidos, a beleza de Vênus e do mito, a beleza da arte e da obra pintada pelo artista Sandro Botticelli, “O Nascimento de Vênus”. Não há mais vento,

apenas aragem, a concha não precisa ser mais empurrada, Vênus chega ao seu primeiro destino. Assim como o homem que ao nascer deixa as águas do ventre materno e chega ao seu primeiro destino, em terra, fora do útero da mãe. O movimento crescente e decrescente dos versos do poema que sugerem o movimento das ondas do mar, indicam nos dois últimos, um retorno à calma.

O outro poema de Dora referente à figura de Vênus é “Vênus Pensativa” que, acreditamos, reporta-se ao pintor Alexandre Cabanel:

### VÊNUS PENSATIVA

Perfil desenhado entre céu e mar,  
Recolhe a mão esquerda o úmido cabelo  
E os seios também meditam pequeninos:  
Amplios pensamentos que o horizonte recolhe  
Na asa aberta de pássaro ao crepúsculo.  
Tecida a beleza de silêncio e espumas  
Vênus pensativa que brisa alguma  
Toca de incerteza.

Dora Ferreira da Silva (*Cartografia do Imaginário*, p.76)

Nesse poema, Dora destaca o perfil da deusa, a posição das mãos, a umidade dos cabelos, sugerindo a proximidade com as águas do mar, levando-nos a visualizar uma Vênus deitada e não de pé como no poema anterior. Aqui o berço é a espuma do mar, que também é o ventre materno. Os seios pequenos revelam o ideal de beleza neoclássica, assim como sua antropomorfização, pois podem meditar e meditam, juntamente com o olhar da poeta e com o leitor do poema.

Nos versos seguintes, “Amplios pensamentos que o horizonte recolhe/na asa aberta de pássaro ao crepúsculo”, a poeta nos convida à meditação, lembrando que a hora crepuscular é um momento de indefinição da luz do dia, propícia à reflexão. O horizonte que recolhe os pensamentos é o mesmo que liga o céu e a terra numa unidade cósmica, reforçando o convite à meditação sobre o universo, sobre o ciclo do dia e da noite, sobre o tempo cíclico da vida, o nascimento e morte.

Se os detalhes da tela de Cabanel nos parecem mais simples que os de Botticelli, a poeta Dora nos apresenta em seu poema uma riqueza de sinais, metáforas que multiplicam os sentidos dos oito versos do poema. “A asa aberta de pássaro ao crepúsculo” no quinto verso, pode ser vista na angulação dos braços brancos da deusa, cuja leveza sugere o poder de voar como um pássaro, já que flutua sobre as espumas e não se afunda no mar. A posição do braço sugere também, o pensamento meditativo que se expande na hora crepuscular. “A asa aberta” pode estar no horizonte que sugere o voo do tempo e ainda nas asas dos anjos que inspiram os pensamentos da deusa mulher, mas também os recolhem, levando-os aos deuses, pois anjos são os intermediários entre os homens e as divindades. No verso seguinte “Tecida de beleza de silêncio e espumas” lembramos que a pintura é uma poesia muda, feita de silêncio e imagem, um conceito, cujos traços, herdamos de Horácio através dos séculos (a.C).

O verbo usado por Dora no presente em boa parte do primeiro poema e no segundo poema todo, nos possibilita unir os séculos, o tempo de Botticelli com o tempo de Cabanel e o tempo da poeta autora, conseqüentemente, o nosso tempo de leitor. No último verso, “Vênus pensativa que brisa alguma toca de incerteza” cremos que não toca mesmo, pois é como se a poeta dissesse: - “Estou diante de um quadro pintado, de uma tela, uma obra sagrada; descrevendo o que vejo e sinto, o que toca as minhas raízes e dialoga comigo.”

Finalizando, não podemos deixar de lembrar que lemos nos poemas de Dora Ferreira da Silva, as mensagens que assimilamos através das nossas percepções sensoriais individuais de leitor, buscando, porém, um referencial que está além de nós, por exemplo, em Barthes (2001,p.131), quando afirma que “O mito é uma fala”, “é um sistema de comunicação, é uma mensagem”. Apoiamo-nos nas palavras da própria poeta, Dora ferreira da Silva (1989) que declara:

“Toda vez que você tenta dizer o que é o mito, ou o que é poesia, você acaba ferindo um e outro, você passa a historiador, a lidar com conceitos, e a natureza de um e outro foge a isso. [...] Vale a pena percorrermos o mundo da palavra, da poesia, indagando-nos sobre tudo e todos, para que a palavra possa nos dar uma aproximação dos grandes segredos que compõem a nossa vida.” (entrevista concedida ao jornalista Hermes Rodrigues Nery em 02-12-89) - disponível em:<http://medei.sites.uol.com.br/penazul/geral/entrevis/dora.htm>

E por último, retomamos a proximidade entre a poesia e outras artes, em Étienne Souriau, *A Correspondência das Artes*,(1983):

Nada mais evidente do que a existência de um tipo de parentesco entre as artes. Pintores, escultores, músicos, poetas, são levitas do mesmo templo. Servem, senão ao mesmo deus, pelo menos divindades congêneres. Irmandade das Musas; associação dos artistas quer manejem o escopro ou a caneta, o pincel ou o arco... (Souriau, 1983, p.14).

Dora Ferreira da Silva reafirma esse “parentesco” anunciado por Barthes (2001) através de grande parte da sua obra poética, pois os seus olhos atentos e sua alma sensível captam a poesia por toda parte, seja na pintura, na escultura ou nos vitrais dos templos. A poeta assimila a poesia cósmica do universo em qualquer manifestação de cores, de formas e ritmos, em qualquer elemento humano ou espiritual, material ou imaterial e transforma em versos. Ela retoma em seus poemas as origens do homem através dos mitos, os pintores e escultores que se identificaram com o classicismo e mostra que a arte não tem idade, que descendemos dos deuses míticos, que somos todos parentes, porque somos filhos do mesmo universo. As artes só reforçam esse “parentesco evidente.”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

JUNG, C. G. *Símbolos da Transformação*. Tradução de Maria Lucia Pinho. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

NERY, Hermes Rodrigues. Entrevista de Dora Ferreira da Silva: *A Fascinação do Mito*. 02-12-89. (<http://medei.sites.uol.com.br/penazul/geral/entrevis/dora.htm>)

OCTÁVIO, Paz. *Os filhos do barro: do Romantismo à vanguarda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ROBLES, Martha. *Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos*. Trad. William Lagos, Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2006.

SILVA, Dora Ferreira da. *Cartografia do imaginário*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2003.

SOURIAU, Étienne. *A correspondência das artes: elementos de estética comparada*. Tradução de Maria Cecília Queiroz de Moraes e Maria Helena Ribeiro da Cunha. São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo, 1983.

SOUZA, Enivalda Nunes Freitas e. *Flores de Perséfone: a poesia de Dora Ferreira da Silva e o sagrado*. Goiânia: Cãnone Editorial. Belo Horizonte: FAPEMIG, 2013.